

O Espozendense

ANO XXXVI

ESPOZENDE, 20 DE OUTUBRO DE 1923

NUMERO 1:064

Semanario republicano. Independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, adm. e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Ciras.—Editor—Julio de J. Giesteira Lima.—Composição e impr.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha 8\$000 rs.—Com estampilha e para fóra 10\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.—Colonias Portuguezas, 25\$000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha \$50 cent.—Anuncios particulares: linha 30 c. Comun. ou reclames, linha \$40 c. Imposto do selo, cada publicação, 25 c. Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

“O Espozendense”, e o seu aniversario.

COM o presente numero entra este semanario no 41 ano de existencia.

Não alteramos o nosso programa, após tão longo periodo de tempo. O caminho que então traçamos é o mesmo, e procuraremos segui-lo, sempre ávante, para a frente.

Não estamos, nem nunca estivemos affectos a facções politicas, nem subjugados servilmente a quaisquer colectividades ou corporações, a servir-lhes de *guarda-costas*, a troco de pingues benesses; nem nos terão subservientes, em attitude de *passa-culpas*, em paga de subsídios por *baixa-mão*.

O nosso lema é, e será o mesmo d'outrora:—Pugnar pelo engrandecimento d'Espozende e pelas regalias a que tem jus.

Todo o nosso esforço e toda a actividade de que poderemos dispôr, continuam ao serviço dos progressos da vila e concelho.

Usaremos sempre da critica, como incentivo e estímulo aos malessos e indiferentes.

Que os nossos presados assinantes e anunciantes continuem a dispensar-nos a sua simpatia e estima, para cumprirmos integralmente a missão que nos impozemos.

Depois de havermos traçado estas desataviadas linhas, trouxe-nos o correio o extenso e substancioso artigo com que mão amiga nos quiz distinguir na passagem do nosso aniversario, e que a seguir publicamos.

Gratos ao *espozendense* que, mesmo de longe, vem recordar-nos saudosamente os entusiasmos e amarguras de um passado de sacrificios mal compreendidos.

ATRAVÉS DE 40 ANOS

A odissêa de “O Espozendense”, e de um jornalista.

PALAVRAS JUSTICEIRAS.

ESPOZENDENSE, fundou-se no início da Primavera de 1887—21 de Março.

E surgiu á luz clara e dealbante da publicidade pelas mãos operosas e acarinhantes de tres rapazes de fartas simpatias, demovidos pelo influxo de um ardoroso sentimento—o bairrismo; impulsionados por um entranhado amor tributado á terra-mãe, com a coadjuvação artistica do habilissimo gráfico e modesto jornalista que é, afinal, pode dizer-se, quasi desde igual época, o seu director e proprietário, e o que soube manter, integra e absoluta, a sua afeição ao burgo.

Fundou-se O ESPOZENDENSE com o objectivo de ser, em todas as emergencias, em todas as oportunidades da vida do povo de Espozende, o porta-voz das suas justas reclamações e dos seus sacratissimos direitos; a mais firme barreira erguida para defesa dos seus interesses, a clangorosa trombeta a espalhar o seu som em clamantes *álertas*, ante a ameaça da postergação de regalias remotas ou do cerceamento de velhas prerogativas.

A sua aparição, n'esse lindo e infortunado cantinho do florido Minho, até então sem imprensa, constituiu um successo retumbante no meio do seu povo, tão cioso de progresso e tão cheio de doiradas aspirações.

Acesa e animada ia, por esse tempo, a lucta pela sua autonomia judicial. Espozende não podia suportar, por mais tempo, o jugo de uma comarca vizinha; não devia viver eternamente subornada á justiça de Barcelos. Ambicionava uma vida propria, a dentro do âmbito das suas

proprias forças.

Por seu turno, Barcelos, pela voz da sua imprensa, representada por varios jornais, clamava pela integridade da sua grande comarca.

N'este prélio de interesses, defrontava-os e saia-lhes á liça, como verdadeiro paladino de uma sublime causa, com arremetidas vibrantes, terso e intemerato nas suas objurgatorias, o intrepido *Espozendense*, que marchava impavido na sua rota, numa campanha profundamente regionalista, mantendo sempre e através de todos os obstaculos uma irrepreensivel linha de conducta.

E o coração dos tres espartanos rapazes, batendo alvoroçado numa crença formidavel e robusta, ateiada por um acendrado amor á terra nativa, em rajadas de fé patriótica, viu alfim coroados de êxito os seus esforços. A breve trecho era criado na sua adorada Espozende um julgado inunicipal, se bem que não fosse a completa realização do seu doirado sonho, mas que representava já uma parcela da sua autonomia judicial, com uma justiça de *via reclusa*.

Mas a politica—*a grande porca*, na frase ironica e candente de Bordalo, com os seus meandros e com os seus embustes, tanto entredou e intrigou, que os bons elouvabilissimos propositos dessa triade de devotados bairristas se modificaram e o jornal, decorridos uns tres anos e pico; êle, O ESPOZENDENSE, que até então se erguia como um inexpugnável baluarte, como uma barricada indestrutível; foi cair ás mãos volúveis e instáveis de uma nova empresa e seguidamente declarava-se uma scisão no seio da politica progressista, do mais forte partido, pelo numero de adeptos que contava em todo o concelho.

E Silva Vieira, mau grado seu, com constrangimento, viu-se obrigado a prosseguir na direcção gráfica do jornal e a cooperar assim na sua publicação.

Parece que adivinhava o breve fim da nova empresa...

Nessa altura dava-se a aparição de um outro jornal—O *Progressista*, órgão do grupo dissidente capitaneado pelos drs. Adolfo de Madureira e Queiroz

Ribeiro e por Delfino Miranda, e que era por estes politicos redigido.

Entre os dois grupos progressistas dirigiam-se doestos, jogavam-se as mãos diatribes, trocavam-se as mãos contundentes apóstrofes, com a mira no *penacho*, a ponto de virem para a baila os motejos pessoais e os epigramas mais amolgantes, de parte a parte, entre os seus redactores.

O desgosto, a repulsa que essa ofensiva e anómala campanha pessoal causou entre os espozendenses mais categorizados, era sensível e flagrante; até que o indefectível bairrista e pontifice maximo do progressismo, o cidadão de uma só fé e dum só parecer—o Barão de Espozendé, de saudosa memoria, conseguiu, com aquela diplomacia de que usava e que era a pedra-de-toque em toda a sua acção politica, que só mirava ao engrandecimento e ao bem da sua e nossa querida terra, congraçar os dois grupos e reorganizar o partido progressista.

O que então se passou nos bastidores da politica local, ficou mergulhado no segredo dos deuses... De resto, o que ocorreu não conta agora para aqui.

O que é certo, é que O ESPOZENDENSE, decorridos uns dois curtos anos, suspendia a publicação e a empresa Vilas Boas & Irmãos, com um gesto que nada a nobilitou, antes lhe custou uns apodos tão desagradáveis quanto merecidos e as censuras mais severas e amargas, fez o trespassse do ardoroso combatente, do campeão acerrimo do progressismo a uma tipografia de Barcelos, a terra que, politicamente, mais mal nos via e assásmente combatia.

Que mau e anti-bairrista foi esse passo!...

Apagado na localidade esse facho de luz, esse pequeno mas brilhante satélite da radiosa constelação, que é a Imprensa, difundindo os seus clarões em qualquer meio, rehabilitaram os politicos que ousavam manejar no escuro e todos os que malqueriam a Espozendé; regosijaram-se as *toupeiras* na terra, e as *corujas* que proliferam e se alimentam nas trevas regorgitaram com o facto.

Más, parafraseando o verso camoneano, foi *um engano d'almu, ledó e cego...* para os seus confessos inimigos.

A dentro das oficinas de O ESPOZENDENSE ficara como seu director tecnico, onde palpitava um coração dedicado a esta terra, um espirito empreendedor, amante de todas as boas iniciativas; e num rasgo de bem compreendida magnanimidade, e numa rajada de arreigada fé num Espozende Maior; sabedor que de uma boa-vontade se gera e sustenta e embala, muitas vezes, a independencia de um pequeno-grande povo,—com admiração unânime e com visível espanto e surpresa da gente do sinhédrio progressista-dessidente, fez aparecer impávido, animado e isento e livre das culpas e dos erros dos seus confrades antecessores, um outro jornal.

Sem medir sacrificios, Silva Vieira poz imediatamente O POVO ESPOZENDENSE na rua, tomando êle sobre os seus hombros a sua direcção e cometendo ao incipiente jornalista de antanho, Alvaro Pinheiro, a redacção do novo defensor dos interesses da localidade.

O gesto admiravel de Vieira, que denotou e traduziu uma dedicação ilimitada e uma devoção intima por uma terra que não era a sua, grangeou-lhe o titulo de grande filho adoptivo e deveria, até, conquistar-lhe o de cidadão espozendense, conferindo-se-lhe as mesmas regalias dos filhos natos e as prerogativas que soe conceder se a todos aqueles que, por actos abnegados e livres de objectivos gananciosos e interesseiros, põem o seu esforço e o seu labor ao serviço de uma grande causa—que mais não é a defesa dos interesses e do progresso de uma região.

Das suas campanhas, iniciadas de logo, em prol de Espozende e do seu concelho, levantadas com uma persistencia e uma tenacidade dignas de registo, promanaram efeitos apreciaveis, uns immediatos, outros dentro de relativo curto praso.

A sua influencia era notada, pró e contra, no meio politico. Assim, ahi por Outubro de 1892, celebrava-se a conciliação dos dois grupos progressistas e normalisava-se a politica local.

Do seu látego contundente e amigucante; da chicana, do sueltó e da gaffe inexoravelmente jogados nas colunas do seu querido jornal aos corifeus da politica, resultaram-lhe bastantes revezes e dissabores.

Mas Silva Vieira não modificava a sua attitude.

Ninguem o demovia a alterar os seus processos comba-

tivos, e as suas *charges* politicas, numa linguagem clara e franca, partiam como sétas sibilantes direitas ao alvo que visava.

Ah, de quantas intrigas, mexericos, vinganças e perseguições êle foi victima!

Não se recordam das violencias exercidas pelo então administrador do concelho, Antonio Esteves?

O celebre galopim eleitoral regenerador, que anciava por inutilisar a sua acção, certo dia, abusando da autoridade do cargo, e sem mais *tir-te nem guar-te*, engavetou-o na cadeia, com a mira em obstar á publicação do seu jornal e como vindicta pelos *botes* implacaveis que lhe eram dirigidos.

Pois Silva Vieira, mesmo preso, fazia uma chamada a um seu irmão, tipografo, para que viesse dirigir as suas oficinas, e o jornal não alterou, sequer, a periodicidade da sua publicação. E de cada vês mais e mais feria e contundia com os seus epigramas o politico atrabiliario e vingativo.

Que guerra aberta, sorna e mortifera, lhe movia, por isso!

Ora como odio velho não cança, armaram-lhe varias rentes e Vieira envencilhou-se nas malhas apertadas da Lei de Imprensa e tentaram inutilisar-lhe a acção e feril-o de morte, não só prejudicando-o grandemente na algibeira, como impondo-lhe a pena da suspensão do jornal.

D'esses embates, resultou a suspensão temporaria do seu POVO ESPOZENDENSE, para a breve trecho reaparecer com o primitivo titulo de O ESPOZENDENSE, e não menos afoito para as pugnas e contendas politicas, se bem que um tudonada mais cauteloso e avisado, isto é, não tão acre, mas de mais efeitos destrutivos nos seus escritos.

Baldadamente se lhe enfrentaram no caminho outros jornais, com a mira em inutilisar ou fazer desaparecer o seu.

Se a memoria nos não trae, em Espozende vieram á publicidade: *A Brisa*, literario; *O Progressista*, *O Combate*, *O Espectro*, *A Verdade*, *O Povo Livre*, e *a Patria Livre*, todos politicos; *O Petardo*, combativo, e *O Coiveiro*, humoristico.

Todos, porém, viveram uma vida efémera, pouco duradouro. Todos, pode dizer-se, tiveram a existencia das célebres rosas de Malherbe.

Mas O ESPOZENDENSE, apesar e através de mil difilcidades e obstaculos, mercê do esforço tenacissimo e á custa da grande força de vontade de Silva Vieira, tem-se mantido imperterrito, vae para 41 anos; tal o periodo longo da sua acidentada existencia.

A sua dilatada vida deve-se á lide canceirosa, fatigante e exhaustiva de Vieira, um autentico fanatico pela difusão da boa imprensa na terra que ama como se sua fôra.

Ele quer ao seu jornal como a um filho.

Noutro meio menos ingrato, que não Espozende, Vieira, que tão mal compreendido tem sido pelos espiritos mesquinhos e aváros, precocemente gasto e envelhecido pelo seu assiduo trabalho, mas ainda firme e tétto como um espartano, podia e devia estar nesta altura colhendo os frutos doirados da sua incançavel operosidade de ha quasi meio seculo.

Mas não, infelizmente. A boa sorte foi-lhe sempre adversa.

Se passarmos junto das suas oficinas e voltarmos para elas um olhar, deparamos com ele, invariavelmente, conchegado aos caixotins ou junto dos maquinismos no aferrado labor quotidiano.

E á frente deles, possivelmente, se lhe irão pouco a pouco extinguindo as masculas energias, firme e heroico no seu posto, antevendo, como prémio de uma vida assás canceirosa e do cumprimento da missão que se impôz, a satisfação de ter guiado e dado aos filhos o exemplo nobilitante de um insano labor.

E, certo, será esse o galardão e a honra que pode vangloriar-se de legar á sua prole, ao terminar o seu transito por este mundo de egoismos e de ingratiões.

Um espozendense.

ACLARANDO...

... Sr. Director do «Espozendense»

Duas palavras apenas, em forma epistolar, e á laia de prologo. Não é que eu tencione roubar-lhe muito espaço, com assidua colaboração, pois que para tanto me falta o tempo, e são conhecidas as minhas ideias a proposito do interessante inquérito que abriu nas colunas do seu jornal. Mas alguma coisa poderei dizer ainda sobre o assunto, de tanta importancia para Espozende, e prometo fazê-lo sempre que disponha de paciencia e de vagar.

Antes de começar, contudo, julgo necessaria uma explicação, e é essa a razão deste preambulo.

Não mandei para o «Espozendense» os artigos publicados no «Jornal de Noticias», desta cidade, porque o convite, de facto, abrangia apenas os conterraneos, ou melhor a gente indigena.

(Não vá alguém melindrar-se com esta palavra *indigena*,—originario, natural dum lugar

ou dum paiz,—como aconteceu há anos quando a apliquei aos habitantes de Viana, por alguns supôrem, sem duvida, que lhes chamava pretos, e mostrando-se, portanto, gravemente melindrados por mim).

Ora o inquérito, repito, era para os indigenas, e eu não tinha que meter bico na questão. Mas tambem não podia ficar em silencio, pelo muito que essa terra estimo, e porque os melhoramentos de Espozende se prendem com um plano mais vasto de melhoramentos do Minho, em que há anos penso, e por que ainda não desisti de interessar-me.

Foi por isso que abordei o assunto no jornal de que era colaborador, publicando logo no primeiro artigo uma nota justificativa da minha attitude. Alguem considerou, porém, essa nota uma censura encapotada, e por isso transcreveu a prosa a a que ela servia de apendice.

Não me honrou nem desvaneceu a transcrição, pelo proposito que a ditou, e tanto mais que se fez num periodico onde o meu nome aparece com muito pouca frequencia, tendo-se guardado nele, de resto, significativo silencio sobre a campanha que pró-Espozende há muito venho sustentando.

E, desde que apenas se serviram de mim como bola de pim-pam-pum, quero lavrar o meu protesto contra o facto, porque em toda a minha vida jornalística tenho procurado primar pela lialdade de processos.

O «Espozendense», em suas *notas á margem* do inquérito, já se referiu ao assunto, e os *passarinheiros* de que falava eram, afinal, esses homens a quem serve toda a caça, desde que possam satisfazer as suas diatribes ou malquerenças.

Ficam assim postos os pontos nos ii, tanto mais que alguem, muito dedicado a Espozende, homem de talento e de competencia, que já tem prestado e pode prestar ainda á sua terra grandes serviços, se julgou atingido com a explicação a que me refiro, e que, na verdade, não era clara, qualquer pessoa podendo enterrar a carapuça, desde que lhe servisse.

Foi precipitado em seu juizo esse meu illustre amigo e deverá agora convencer-se, com estas palavras claras e francas, de que o autor das *Notas á margem* não pretendia visá-lo, e tanto mais que não tinha conhecimento, no momento em que escreveu, duma carta que posteriormente recebi do inteligente espozendense a que me refiro.

Posto isto, algo para outra vez procurarei dizer ainda sobre a grandiosa empresa que tanto interessa essa terra e de cuja

realização acaba de lançar as primeiras bases a illustre comissão administrativa dêsse município.

Creia-me colega dedicado e admirador sincero.

Sousa Martins,
(Fra Angélico)

O NOSSO INQUÉRITO

Notas á margem

Rejubilamos com o facto de que não tem sido improficua a iniciativa do nosso inquérito.

Assim, veio apressar uma aspiração muito antiga dos espozendenses—a construção da Avenida Marginal.

A nossa illustre edilidade deliberou, em sessão da ultima semana, proceder, quanto antes, aos trabalhos iniciais, para que essa futura artéria da vila seja viavel em pouco tempo.

Honra lhe seja, pois.

Não damos, portanto, por mal empregado o tempo gasto com o nosso inquérito, de cujo êxito faz parte até a irritação provocada em certos espiritos ingénuos e luminosos.

A causa do fenomeno explica-se, talvez, pela simples razão de que tam conspicuos como acomodatícios cidadãos, vivendo recuados meio século, não dão pelo facto de que estamos na época dos aeroplanos, dos sóros e das vacinas.

A publicidade tem, por vezes, modalidades muito curiosas, até mesmo irritando o indigena.

De resto, nada ha de novo sobre a terra, como continuaria a dizer o conselheiral e sapientissimo rei Salomão, se fôsse vivo.

O nosso inquérito assenta sobre duas vélhas questões espozendenses: uma, já morta, estabelecida por ocasião do levantamento da ponte metalica de Fão; outra, sempre viva,—a ligação com Suave-Mar.

Sobre êstes dois pontos foi sôlto o balão.

O efeito, contudo, não se fez esperar. Uns seguiram-lhe a róta até ás nuvens, gesticulando e gritando a vêr se os seus clamores chegavam ao céu; outros, então, olharam e perceberam que era tempo de acordar, de pôr de lado rivalidades mesquinhas, de estabelecer uma união firme e desinteressada para bem da terra em que nasceram.

São êstes os que procedem bem, porque só lealmente e sem ódios nem peçonha, fazendo justiça ás intenções nobres de cada um, se pôde comungar harmoniosamente á meza do mesmo Ideal:—o progresso de Espozende.

Fra Angélico, de quem dissemos algumas palavras em o numero passado, dá-nos hoje a honra da sua prosa scintilante, cuidando com esmero e elevação do nosso problema regional.

Agradecendo sinceramente não só a propaganda notavel que, desde ha anos, vem fazendo em prol desta encantadora região, mas ainda o brilho que a sua prosa castiça vem dar ás colunas de «O Espozendense», pedimos licença para abraçar efusivamente tam illustre colega.

Um *espozendense* apresenta-nos felicitações pelo nosso inquérito, e pede-nos para se tratar, nestas colunas, do regato imundo e anti-higiênico que, a descoberto, leva as aguas do lavadouro da Igreja até o rio.

Muito obrigado, conterraneo amigo, e, quanto á sua pretensão, descance um pouco, porque Roma e Pavia não se fizeram em um dia.

Parece que alguém tentou enfiar uma carapuça que, de facto, fôra talhada nestas *Notas á margem*, no ultimo numero deste jornal.

Engana-se redondamente. A carapuça em questão era de estreitas medidas para a sua cabeça. Destinava-se a outra incomparavelmente mais pequena, em conformação anatomica e em massa encefálica.

Ex.^{mo} Snr. Presidente da Camara Municipal de Espozende.

A Camara da sua muito digna presidencia, fez publico, por editais, que vão ser tributados alguns generos de 1.^a necessidade.

V.^a Ex.^a tem dado sobejas provas da sua boa vontade em acertar, usando em tudo de uma linha de conduta e de um criterio são que o colocam fóra de discussões, e que tem feito até com que os mais exigentes o olhem com simpatia, com respeito e que concordam com o seu modo de pensar.

No entanto, permita-se a um espozendense, que é tambem contribuinte, um pequeno desabafo.

Hoje em dia, senhor presidente, já não se repara se o contribuinte tem *capacidade* para novos impostos: pensa-se apenas em experimentar a sua *resistencia* tributaria e d'ahi não ha mal que lhe não venha, tal e qual, como diz o velho adagio: «perdigão perdeu a pena, não ha mal que lhe não venha».

E' justo? Vejamos:

Todos os municípios estão em dia com os impostos já creados? Os automoveis, as motos, as bicicletas, as camionetes, os carros de cavalos e de bois, os a-

nimaes de tiro ou sela, os cães, enfim, tudo quanto caiu sobre a alçada do imposto, está em dia?

Ha impostos criados que não são pagos por quem de direito e V. Ex.^a senhor presidente, para cujo criterio um contribuinte recorre, não pode em boa verdade e com justiça crear novos impostos, sem primeiro obrigar *toda a gente* a pagar os antigos.

Dizem-me até que ha automoveis que não pagam!

E bicicletas? E carros de bois, etc. etc. Com certeza se V. Ex.^a, senhor presidente, se der ao cuidado de examinar detidamente este assumpto, creio bem que vai encontrar centenas de faltas. Pois bem, senhor presidente, eu tirei todas as minhas licenças: exijo que os restantes contribuintes façam o mesmo, e só depois disso, é que, se fôr impossivel prescindir de impostos novos, se lancem outros, mas, ainda neste caso, nunca sobre generos de primeira necessidade.

A Camara tem as suas instalações electricas, no que gasta muito dinheiro para servir o publico.

Tem uma porta aberta e uma colecta contra que ninguem pode protestar e é—tributar o petroleo, o carboneto, a estearina, e tudo quanto sirva para iluminação particular.

A Camara defende-se e defende o contribuinte, cria um imposto a que toda a gente pode fugir, gastando a luz camararia, que, apesar de não ser barata, é imensamente mais economica do que qualquer outra.

Além disto, senhor presidente, toda a gente tem o direito de se deitar com sol ou ás escuras, mas ninguem pode fugir á tirania de gastar os generos de primeira necessidade.

Pense V. Ex.^a, senhor presidente, nestas ligeiras considerações, que reputo justas e dê mais uma vez uma prova do seu muito bom senso, mandando ficar sem efeito a tributação dos generos de 1.^a necessidade, tributando os outros, e exigindo igualdade dos contribuintes perante a lei: ou pagam todos ou então que ninguem pague. Ha 300 ou 400 licenças de cães já tiradas. Ha mais do dobro para tirar. E' justo crear mais impostos, sem que todos paguem os antigos, e que normalmente atingem um numero limitado de creaturas, que pagam tudo e ainda para cúmulo são apodados de *parvos* pelos que nada pagam e andam sempre sem licenças?!... Depomos nas suas mãos estas ligeiras considerações, esperando que V. Ex.^a lhes dará o que o seu espirito justiceiro jámais negou a quem reclama.

Um espozendense

Os milagres de Fátima

Mais um beneficio da Virgem do Rosario.

Uma mulher, ha 7 anos internada no hospital de S. Manuel, desta vila, acaba de obter da Virgem do Rosario de Fátima a estupenda graça da sua cura.

Chama-se Emilia Martins Bátista, solteira, de 42 anos, natural de S. Tiago de Aldreu (Barcelos) e fôra criada de servir.

Há 19 anos que sofria de uma doença torturante e grave, tendo estado hospitalizada em Barcelos por diferentes vezes; e há 6 anos que se encontrava completamente privada de movimentos, encamada, mal se podendo alimentar.

Tal era o seu estado, que, no dia da partida para Fátima, receiosa de succumbir durante a viagem, reclinou e foram-lhe ministrados os ultimos sacramentos, tendo de ser transportada em braços para o automovel que a conduziu.

Só por milagre podia e nprender a longa viagem—dizia.

E, entre desanimada e confiante, partiu a encorporar se na ultima peregrinação, acompanhada por duas suas irmãs e pela carinhosa e dedicada enfermeira do nosso hospital, sr.^a D. Candida de Jesus Pereira.

A' sua passagem no Porto, e em virtude de se ter agravado mais o seu estado, quiz de novo receber a sagrada Comunhão, que lhe foi ministrada no automovel, proximo á igreja de Cedofeita.

Em Fátima tambem comungou, pronunciando, com visivel custo, algumas palavras.

E peorou mais ainda.

Foi na benção geral aos peregrinos que ela se levantou e se pôz a caminho, livremente, sem auxilio de ninguem. E ingressou no automovel sósinha, por seu pé, sem arrparo algum.

O extraordinario caso da sua cura está confirmado pela sciencia.

Ao saber-se de tão sensacional noticia, foi geral o alvoroço.

A' sua chegada a esta vila, muito povo interpoz-se á sua passagem e correu ao hospital, na ância de inquerir e ouvir da miraculada como recebera tão grande beneficio.

Emilia Baptista, que se acha convalescendo no hospital, veste-se sem ajuda, faz os seus passeios sem esforço, e alimenta-se normalmente.

Foi, há dias, á sua terra abraçar a mãe e demais familia.

A's pessoas que a interrogam, no hospital ou na rua, ella, dominada por um júbilo irrefrenado, extraordinario, diz a todos:—Devo tão grande graça a Nossa Senhora e a Jesus!

JUNTA AUTÓNOMA

A respeito da noticia que sob este titulo publicamos no nosso ultimo numero, recebemos a seguinte nota:

«Não é verdade a Junta Autónoma ter recebido do governo 10:000.000.

A Junta foi subsidiada com a quota importancia para receber em duodecimos, isto é, para receber todos os mezes, de Julho de 1928 até 30 de Junho de 1929. Aqueles 833.333 mensaes, referentes a Julho, Agosto e Setembro, ainda não deram entrada na thesouraria da Junta, e quando essa entrada seja uma realidade, e depois da Junta ter o seu regulamento aprovado — o que ainda se não conseguiu, apesar dos maiores esforços feitos n'esse sentido pelos diversos presidentes—(o Presidente nato da Junta é o Presidente da Camara—esse dinheiro será destinado ao pagamento dos estudos a fazer para a grande obra a realisar.

A Junta Autónoma, se nada tem feito, como é verdade, pouco ou nada poderá fazer enquanto não tiver o seu regulamento aprovado, pois depende dele a criação de receitas, e sem estas não pôde ter vida esse organismo que a tenacidade inquebrantavel d'um grande amigo d'esta terra—o Ex.^{mo} Sr. Antonio Gama, de Famalicao—conseguiu, pela sua influencia junto do governo d'então, que se creasse.

Não tem faltado aos actuaes membros da Junta, nem aos outros que já a abandonaram por deveres do seu cargo, o grande desejo de a verem funcionar; mas têm surgido difficuldades tamanhas na approvação do seu regulamento que a maior parte da gente ignora.

Esta é que é a verdade.

Esposende, 13 de Outubro de 1928.

O Presidente,
Lauro de Barros Lima, ten.

Vinhos verdes

Apareceram novos editaes a convidar o povo a manifestar os seus vinhos.

A impressão deixada o ano passado pelas entidades que superintendem no caso, foi desagradavel.

Em Espozende era obrigatorio o manifesto do vinho americano: em Barcelos ninguem o manifestou.

Porque? Que criterio seguiu a Comissão Central para admitir esta differença de criterio em dois concelhos limitrofes?

Mas há mais. Muita gente manifestou os seus vinhos e a maior parte não quiz saber disso; foram vendendo o seu vinho ao primeiro comprador que appareceu e o povinho consumiu tudo, sendo-lhe fornecida autentica zurrapa, por preços fóra de combate, mas em que a mixórdia teria de tudo-menos vinho.

Esposende foi inundada pelos vinhos americanos de Barcelos, que não tinham sido manifestados. Pediu-se fiscalisação. Não honve de quê, o que se não admite. O sacrificio do agricultor pagando 2.50 por pipa de vinho, para que serviu? Qual o resultado pratico dessa medida? Os vinhos do ultimo ano, sem graduacão alcoolica, muitos com menos de 4 g., eram os preferidos pelo povinho, que quer beber muito, não fazendo questão que beba qualquer triaga que seja capaz de o envenenar.

E' justo o manifesto, mas é indispensavel uma rigorosa fiscalisação. Sem isto nada se fará, e os manifestantes serão bur-lados na sua boa fé.

Já se vende, neste concelho, vinho tinto a 300 escudos a pipa. E' vinho? Não acreditamos; o que sabemos é que isto basta para pôr os vinhos de rastos, e quem os tem bons, genuinos e garantidos, não os põe no mercado porque ninguem lhes pega.

Snr. Conde de Azevedo: V. Ex.^a tem de pôr em egualdade de condições todos os concelhos da sua região. tem de mandar fiscalisar o que ahí está á venda.

Assim, fazendo cada um o que lhe apraz, manifestando ou não, conforme lhe dêr na gana; pondo no mercado productos, que de vinho só têm o nome e a côr, é que não pode ser. Impõe-se a igualdade de manifesto e uma rigorosa fiscalisação. Se isto é só para quem quer, então nada feito. E' melhor não gastar dinheiro em editaes, em propaganda, porque ninguem faz caso.

Porque é que os agentes da pecuária que a cada passo nos visitam, só examinam o bacalhau, a pimenta, a manteiga, etc. Porque não tiram tambem amostras de vinho, em cujas multas, quando comprovada a falsificação fossem solidarios—o vendedor e o comerciante que tivesse o producto á venda?

Porque? Y.

QUEM REPRIME?

A levada, ruas da vila em fóra, de dia, dos estrumes e águas das fossas, constitue um espectáculo degradante, que a toda a gente revolta. Os seus gases imundos, pestilentos, invadem cêleres as ruas circunvizinhas àquela que os dimana, tornando-as nauseantes—numa atmosfera irrespirável.

Ora, numa vila como a nossa, onde hoje mais que nunca se pugna pelo seu progresso, não ha direito de consentir que tais serviços se façam de dia.

Porque é que de novo se não ordena que esses serviços só se possam fazer, batida que seja a meianotte até ao romper da manhã—o que de resto já se fez, e para mal nosso por bem pouco tempo?

Quem reprime?—tirando nos de tão bem dispensadas «pitadas»...

Os noctâmbulos

Não sabemos quem, de mau gosto, dando talvez expansão á sua ira vingativa, arrancou na noite de 12 deste mês um marco que a Camara mandou pôr á entrada da Rua do Mouzinho de Albuquerque, collocando-o rotulado em frente da casa de residencia do nosso velho e querido amigo—o colaborador deste jornal, sr. Xavier Viana.

Membro illustre da Camara Municipal de Espozende, e que tem sido um trabalhador incansavel para o progresso desta vila, trabalhando a valer, num vigor sempre moço, não era por certo digno duma brincadeira de tal jaez.

Lamentamos o sucedido e que gente pouco sensata o tivesse feito.

Para ela o nosso desprezo, já que de gente desprezível se trata.

«O Cavado» no seu papel

O confrade cá da terra, no final do findo da sua edição preterita, firmado por A. to A. celebrisado dos forasteiros de fóra, talvez ao ultimar um serviço de escôva com sobriedade de brilho, aliás merecidissimo, aos membros do nosso municipio, pela sua incontestave accção bairrista abi tão patente; e por d' lberação que tomou d' iniciar a terraplanagem da projectada Avenida Marginal e de concluir a Avenida do Hospital, fecha-o com este bocadinho de oiro que define exuberantemente um autentico genio: *Declaramos desleji e na nossa alma agralecila, cidadãos de Espozende, tão illustres e tão dedicados edis, etc.*

Então os de O Cavado julgam os srs. vereador-s filhos da Lourinhã, de Paio Pires, de Chão de Maças, de Maças de D. Maria, ou de outra banda?

Não foram eles, exclusivé o sr. tenente Jaime Olimpio, nados, vacinados e criados cá na terra, e não eram já portanto, cidadãos de Espozende?

Ou dar-se-há outro caso como o da pescadilha marimota que antes de o ser já o era!!.

Nesta cabouqueira faina da imprensa, sempre escapa cada uma...

Certo, queriam proclamá-los, e justissimamente mereciam o gesto, filh s benemeritos, ou cidadãos benemeritos.

Quer-nos parecer; devia mesmo ser isso.

Ora, pois... pôde «O Cavado» limpar a sinistra á parede, porque aquilo não foi escrito com a mão direita.

E d'ahi, quem sabel seria...

Silva Gonçalves

Em missão jornalística, esteve em Espozende o esclarecido director do «Diario do Minho», antigo parlamentar e distinto poeta e escritor, sr. P.^o Silva Gonçalves.

Doutoramento

Com letou a sua formatura em direito, em Lisboa, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Celestino Viana, filho do nosso amigo Sr. Pedro Alves Viana, inteligente industrial, residnte em Fão.

Ao novo bacharel em direito, que completou o seu curso em espcialissimas condições apresentamos os nossos parabens.

S. Ex.^a veio passar uma temporada na sua terra e nesta vila.

A quem de direito

As camionettes que diariamente conduzem sardinha a esta vila, a ravessam-na com uma velocidade que indigna e revolta.

Ao ve-las ao sul da vila quando entram—tem-se quasi a ilusão de se estar numa pista! Mais dia, menos dia, e neste caminhar, terão as colunas deste jornal de registar alguma fatalidade.

Para que se fez o Codigo das Estradas?

Se toda a gente se indigna, se é do conhecimento de todos esse excesso de velocidade, para que tanta ap-tia?

Ilustração

Magazine Bertrand

Por metade do preço, vende-se o 1.^o e 2.^o ano da «Ilustração» e os 12 numeros do «Magazine Bertrand», do ano de 1927. Vem a ser a «Ilustração» a 2.500 cada numero, e o ultimo a 2.50.

O nosso inquérito

A absoluta falta de espaço obriga-nos a interceptar, nesta edição, a publicação do nosso inquérito.

Proseguirá no numero de sabado e nos subseqüentes.

ANNUNCIOS

Vende-se

Uma casa terrea nesta vila, com quintal, sita na rua do Beco Doce, em frente á casa do sr. José de Abreu.

Quem pretender fale nesta redacção.

Declaração

Emilia Barbosa, casada com Joaquim de Sá, residente na freguezia de Villa Chã, vem por este meio declarar que não se responsabiliza por qualquer divida que o dito seu marido contraia desta data em diante.

Vila Chã, 10 de Outubro de 1928.

Emilia Barbosa.

Edital

O Doutor João Barros, administrador do Concelho d'Espozende:

FAZ publico de que, começando no dia 8 do corrente mez o periodo escolar primario, todas as creanças em idade escolar—7 aos 12 anos de idade—que forem encontradas vadiando nas ruas e logares publicos, nas horas em que estão abertas as escolas primarias, serão encerradas na cadeia civil e seus paes, ou encarregados da educação, multados e castigados com as penas que a lei para tal comina.

E para não haver ignorancia se fez este edital e outros que serão afixados nos logares do costume.

Esposende, 4 de Outubro de 1928. E eu, José Augusto d'Almeida Abreu, chefe da Secretaria o subscrevo.

O ADMINISTRADOR,
João Barros